

A CHINA E O CARVÃO: A SOMBRA DO PROGRESSO

Leio na **Folha de São Paulo** que *A China é responsável por cerca de 35% das emissões globais de GEE (Gases de Efeito Estufa), devido principalmente ao uso do carvão, atualmente superior a 4 bilhões de toneladas por ano. E o carvão é o combustível com maior teor de carbono, duas vezes mais intensivo em CO2 do que o gás natural.*

Esta estatística parece um número nu, uma cifra a ser calculada nos gráficos das Nações Unidas, uma anotação científica perdida entre os papéis dos debates climáticos. Mas por trás dela existe uma nação inteira, um gigante adormecido e desperto, uma sociedade que se equilibra entre a urgência do progresso e a consciência pesada de sua própria sombra.

Ao caminhar por Pequim, é quase impossível ignorar a cortina de fumaça que parece ter se tornado um personagem fixo da paisagem urbana. Não é uma figura caricata de um filme pós-apocalíptico; é real, visível, palpável. Um resultado concreto da escolha por um combustível que, embora antiquado e sujo, ainda é um dos principais responsáveis por impulsionar a economia chinesa. Mas há um paradoxo doloroso nessa relação. O mesmo carvão que move fábricas, ilumina cidades e aquece lares é também o que sufoca a população e rouba, pouco a pouco, a claridade do céu.

O mundo ocidental frequentemente aponta dedos, denunciando o dragão chinês como o grande vilão climático. Mas será essa acusação uma expressão genuína de preocupação ambiental, ou um reflexo das complexas disputas de poder no palco internacional? É fácil condenar uma nação que se ergue sobre as bases do carvão quando os próprios países desenvolvidos passaram pelo mesmo caminho em suas revoluções industriais. A diferença é que, enquanto o Ocidente teve séculos para queimar combustíveis fósseis e desenvolver tecnologia, a China foi pressionada a fazer tudo em um intervalo de tempo brutalmente reduzido.

E há um drama humano nessa estatística. São trabalhadores, famílias e comunidades que, dependentes do carvão, sustentam suas vidas e suas economias locais. Nas províncias de Shanxi e da Mongólia Interior, por exemplo, homens desceram às minas por gerações. Para eles, o carvão não é apenas uma fonte de poluição; é o seu ganha-pão, a herança deixada pelos pais, o vínculo com a história da sua terra. Como pedir a um minerador que abandone sua profissão sem oferecer-lhe uma alternativa? Como pedir à China que abandone o carvão sem propor uma solução viável para os milhões que dependem dele?

Por outro lado, o governo chinês tem consciência desse fardo. Em discursos de cúpulas climáticas, há uma retórica de compromisso com a sustentabilidade, promessas de redução de emissões e investimentos em energias renováveis. Parques eólicos surgem nas planícies da Mongólia Interior, painéis solares começam a refletir o sol nas periferias de cidades industriais e pesquisas avançam na busca por tecnologias mais limpas. No entanto, apesar dos avanços, a demanda energética da nação parece crescer a uma velocidade tão vertiginosa que essas novas alternativas, por mais promissoras que sejam, ainda não conseguem substituir a dependência do carvão.

Então, entre promessas de um futuro mais verde e a realidade de uma economia movida a combustíveis fósseis, a China vive um dilema: como conciliar a ânsia por desenvolvimento com o respeito ao meio ambiente? Cada tonelada de carvão queimada é uma escolha entre manter empregos ou preservar o ar. E para os líderes chineses, o futuro do país, sua estabilidade social e econômica, repousa sobre essa balança delicada.

Assim, enquanto Pequim respira com dificuldade e o planeta observa com uma mistura de indignação e medo, a pergunta que fica no ar é se o mundo terá paciência de aguardar o lento despertar de um gigante.